

Celebração da vida

IRLAM ROCHA LIMA

DA EQUIPE DO CORREIO

Dos forrós nos barracões de madeira em acampamentos à época da construção da cidade às raves em grandes espaços abertos, tão em voga nos dias de hoje. Brasília, ao longo dos 45 anos de vida, tem revelado seu lado festeiro.

Para se divertir nos fins de semana, os candangos (a maioria nordestinos) que vieram para cá no final dos anos 50 caíam no arrasta-pé em improvisados salões. Na década seguinte, surgiram clubes sociais que promoviam as grandes festas – frequentadas pelos servidores públicos de maior ou menor escalões. Produtor artístico há quase 20 anos, Paulo Roberto da Costa testemunhou, ao longo da década de 80, o auge das festas em associações como Iate Clube, AABB, Asbac, Country Club, Clube do Exército, Clube da Aeronáutica e Clube Naval. “Foi um período rico de bailes. Como a maioria dos clubes era subsidiado por órgãos públicos, não faltava dinheiro para eventos sociais”, lembra.

Atual produtor das bandas Squema Seis, Terminal Zero, Joy Band e Brasília Popular Orquestra, Paulo Roberto vê retração no mercado de bailes. “A partir da década passada, por medida de economia, os clubes desaqueceram esse segmento. No máximo promovem festas juninas e de réveillon. Seus salões agora são alugados a produtores de festas de formatura e outras comemorações.”

Enquanto na segunda metade dos anos 80 surgiram as discotecas, na década de 90 houve o boom das casas noturnas moderninhas. Quem curtiava dançar no embalo de som mecânico pôde optar entre aproximadamente 10 boates, instaladas em

quadras comerciais e em shoppings. E foi nesses lugares que a festa teve continuidade, sob a égide dos ritmos eletrônicos.

Paralelamente, se multiplicaram as festas temáticas em galpões e mansões. Esse eventos, mais de dez anos depois, continuam a despertar o interesse de parte considerável dos festeiros, ainda mais se promovidos por operadoras telefônicas, marcas famosas de automóvel ou de outros bens de consumo. “Atualmente, é raro o final de semana que não haja pelo menos uma grande festa. A característica básica desses megaeventos é a mistura de linguagens. Na programação, há sempre uma banda pop nacional renomada, grupos locais de diferentes estilos e DJs famosos da cena eletrônica”, observa o produtor Rodrigo Verri, há 10 anos em atividade.

O público, nessas ocasiões, também é variado, com pessoas de diferentes tribos. A mudança de horário é outra marca das festas atuais. Com a explosão das raves, no começo desse século, passou a ser expressivo o número de pessoas que trocam a madrugada pelo dia na hora de se jogar numa pista de dança. Especialmente os apreciadores do trance, um dos gêneros mais cultuados da música eletrônica.

Promotor de festas desde o começo da década passada, Auro Carvalho já passou pela axé music e música sertaneja. É hoje quem mais faz festas trance na capital. Para ele, o principal fator para o sucesso de um evento desses é um *line-up* (DJs escalados) forte. Não foi por acaso, o *Brasilia Music Festival Eletronico*, realizado em setembro do ano passado em área próxima ao Autódromo Internacional Nelson Piquet, virou referência maior: quase todos os DJs participantes vieram do exterior.